

Sarney é o pára-choque de Ulysses

Villas-Bôas Corrêa

Antes que as pesquisas anunciadas para este fim de semana, depois de um longo intervalo, comprovem ou desfaçam os agouros dos adversários de um despencar dos índices de Collor de Mello, interrompendo ascensão batida em seis rodadas de consultas; insuflam alguma esperança da candidatura do doutor Ulysses começar a emergir do fundo do buraco dos modestíssimos 5% do último dado e meçam a repercussão nas tendências de voto do retumbante sucesso oratório do senador Mário Covas, badalado em prosa e viola por toda a parte onde se espalhe a elite —, talvez não seja esforço jogado fora avaliar a influência remanescente do governo no trecho final do processo da sucessão, especialmente em relação ao PMDB, aliado de ontem, parceiro-inimigo no risco das conveniências do momento.



As relações entre o presidente José Sarney e o doutor Ulysses Guimarães deterioraram-se no curso acidentado de muitos desencontros. Agora, só as amenidades do temperamento do presidente do PMDB e a cordialidade paciente cultivada por Sarney, em curso completo de amarguras absorvidas e agravos esquecidos, permitem que ambos, na oportunidade de encontros fortuitos, se cumprimentem com afabilidade forçada, troquem algumas palavras e posem para câmeras exibindo o sorriso que esgarça a boca no repuxar tenso de nervos.

Os desacertos que assinalam a convivência turbulenta do PMDB, ou de parte do partido, com Sarney são notórias e amplamente documentadas pela imprensa.

Até aí, compreende-se. O que fica difícil de assimilar é o embuste da identificação da candidatura do doutor Ulysses como uma expressão do recente oposicionismo do PMDB reciclado na última convenção pela cobrança do seu candidato a vice-presidente, Waldir Pires.

Não é apenas porque a impostura não se aguenta em pé, não engane ninguém e provoque a reação incontrolável do riso solto, da gargalhada moleque.

Mesmo como tática política é, no mínimo, de eficácia discutível. O candidato mascarado, disfarçado com a fantasia do oportunismo, não consegue atravessar campanha aberta, sem passar pelo vexame do desmascaramento, com dois meses finais de programação diária em rede nacional de rádio e televisão.

Além do risco, que deve ter sido medido e avaliado pelo candidato e seus assessores, Ulysses precisa do presidente Sarney muito mais do que pensa.

Vamos à explicação. Dispensa-se a muleta das pesquisas

para reconhecer a evidência que o eleitorado está escalando os últimos degraus da indignação e cata o candidato que exprima ou pareça significar a irritação do seu protesto, a gana da sua frustração, a raiva por ter sido enganado. E, para que seu voto não seja apenas o xingamento que desabafa, o candidato também deve misturar o feito da promessa de mudança. Promessa, quando confiável, ressuscita esperança.

O refrão da campanha do doutor Ulysses não pode ser o bis da rima do compromisso com mudanças. Esse estribilho fez um grande sucesso na mobilização da campanha das diretas, espichou o apoio popular na reviravolta do colégio eleitoral, multiplicou seu fascínio na ilusão deslumbrada do cruzado, lotando de votos no PMDB as urnas de 86.

Está claro que a campanha do doutor Ulysses, para deslanchar, precisa descobrir uma vertente nova, abrir picada que desvie da rota conhecida e não refaça o caminho percorrido.

Para o alívio do sufoco da cobrança da coerência, o acerto das contas de ontem, penduradas pelo PMDB com o descafamento do caloteiro, o doutor Ulysses precisa despregar-se do governo. Um afastamento sem bulha, como separação de casal que se divorcia numa boa, cada um desguinando-se para o seu lado, refazendo a vida com outro parceiro.

Ora, se o presidente José Sarney conseguir executar o esquema que se traçou para o final do governo, dedicando-se a consolidar a transição, sem meter o bedelho na campanha para apoiar ou vetar candidaturas, é possível que a definição do voto passe um pouco ao largo do governo. De um governo que se confessa esvaziado, de cofres raspados, paralisado, fingindo-se de morte para evitar o perigo de crise institucional com choque com o Congresso que o provoca e hostiliza.

Sarney à margem da briga entre os candidatos deixa de ser assunto, sai da pauta.

A campanha talvez se projete para o debate do futuro, das saídas para a crise, a discussão de propostas simples e objetivas, esquecendo o governo que acabou.

Se o doutor Ulysses teimar em travestir-se de oposição, puxará o governo para a campanha. Inevitavelmente.

De qualquer modo, a postura equivocada e dúbia do PMDB já lhe assegura constrangimentos certos no roteiro de campanha.

Porque é a tal coisa. Se Sarney for poupado, será uma espécie de pára-choque do doutor Ulysses. Amortecendo a trombada do candidato com suas contradições.

Mas, com Sarney arquivado, a coisa mais parecida com governo no quadro sucessório será o doutor Ulysses. E o partido do governo, o PMDB com 7% das preferências do eleitorado, dois pontos acima do candidato..

O doutor Ulysses pode escolher: ou bate de frente com o eleitorado, apresentando-se no palco como oposicionista de nascença ou aperta o cinto de segurança em volta da cintura fina e confia em que o voto do contra, desvie-se do ontem e busque o amanhã.